

PSDB

Votação das prévias vai até o domingo

Fundação responsável pelo aplicativo não fixou data para funcionamento. Solução irrita Leite, que vê extensão de prazo como favorecimento a Doria

» CRISTIANE NOBERTO
» TAINÁ ANDRADE

Ainda sem saber o motivo que gerou a pane no aplicativo — e o fiasco — das prévias do PSDB, no último domingo, a Executiva Nacional do partido anunciou que o pleito será concluído até o próximo domingo (28/11). A definição foi tirada depois de uma reunião conjunta, ontem, na sede do partido, em Brasília, entre a direção da legenda com representantes das campanhas dos pré-candidatos — os governadores João Doria (SP) e Eduardo Leite (RS), e o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio — e o corpo técnico responsável pelo desenvolvimento da plataforma.

Em nota, o partido afirma que aguarda manifestação da instituição contratada, a Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAURGS), para saber se as prévias têm condições de continuar por meio do aplicativo desenvolvido por ela.

“Se até esta terça-feira ela (FAURGS) não oferecer garantias concretas de viabilidade e robustez da solução contratada,



Se até esta terça-feira ela (FAURGS) não oferecer garantias concretas de viabilidade e robustez da solução contratada, o PSDB adotará tecnologia privada para concluir o processo de prévias”

Trecho da nota do partido,

que pode adotar um novo aplicativo para concluir a votação

o PSDB adotará tecnologia privada para concluir o processo de prévias. Em qualquer alternativa, a integridade do processo eleitoral será rigorosamente observada”, explicou nota do partido. Nos bastidores, ainda se discute a possibilidade de uma simulação de votação a partir das 12h de hoje.

Apoio

Por meio de sua assessoria, Doria apoiou as soluções anunciadas pelo presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo. “A democracia interna exige respeito aos filiados que se cadastraram

para votar. Existem soluções para garantir as manifestações de todos os filiados que se inscreveram nas prévias. É preciso concluir o processo eleitoral de consulta interna. Qualquer alternativa que não seja a rápida conclusão da votação é um desrespeito à vontade da maioria partidária. É violentar as prévias. É negar a democracia”, salientou.

Arthur Virgílio faz coro com Doria e apoia a possível troca de desenvolvedores do aplicativo. “A ideia é, então, essa empresa fazer um teste, às vistas das três campanhas. Saíndo tudo acertadamente, a nova empresa

entraria em ação, comprometendo-se em entregar o resultado total e final até domingo próximo. Entendo que o presidente Bruno Araújo agiu acertadamente, abrindo espaço para um plano B. É hora de agir e não postergar”, afirmou.

Leite, porém, desmentiu que tenha negociado a possibilidade de contratação de terceirizada. “Eu não sabia que tinha nota. Não há nenhum consenso. A nota está equivocada. Não houve acordo de uma ferramenta que não se conhece. Não há tempo para avaliar as condições técnicas dessa nova ferramenta. Não sabemos nem se o que aconteceu, se houve ataque hacker. Eu esperava que hoje se resolvesse”, discordou.

Araújo, no entanto, afirmou que negociou com o governador gaúcho antes de anunciar as soluções do pleito. “Tinha tido uma conversa com o governador do Rio Grande do Sul, e já estava autorizado. Tinham mais de oito pessoas presentes e estava conversado. Pode até ter havido uma mudança de posição, mas, obviamente, eu não sou nenhum leviano”, reagiu.

Divulgação/PSDB



Reinaldo Azambuja, governador do Mato Grosso do Sul, mostra o problema no aplicativo ao suporte da votação nas prévias

Racha pode ser irreversível

O PSDB agora corre contra o tempo para evitar que as fissuras do partido se aprofundem ainda mais, a ponto de que isso comprometa a possibilidade de assumir uma condição competitiva na disputa presidencial de 2022. Só que a crise provocada pelo aplicativo das prévias — que colocou de um lado o governador João Doria (SP) e o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio e, de outro, o governador Eduardo Leite (RS) — pode ter escancarado uma situação irreversível.

O gaúcho não se conforma com a demora para concluir o processo eleitoral. Isso porque, nos bastidores, comenta-se que o ganho de tempo favorece o rival de São Paulo, que teria espaço para trabalhar a virada de votos a seu favor.

Aparentemente fechado com Doria — embora não tenha retirado a candidatura —, o ex-prefeito de Manaus abandonou a diplomacia e criticou, ontem, o principal apoiador de Leite, o deputado Aécio Neves (MG). “Eu considero o PSDB um caminho



Vemos, sim, compra de votos. Estamos vendo denúncias de pressões indevidas, suspensão de filiações, demissão de pessoas que não apoiam esse tipo de conduta. Inclusive, vi uma manifestação do nosso adversário João Doria em expurgar do partido”

Governador Eduardo Leite,

acusando o adversário João Doria de jogo baixo

carregado de maçãs boas, mas tem uma que está estragada. E dou nome e sobrenome: Aécio Neves”, atacou.

Leite não deixou a provocação sem resposta e devolveu, dando a entender que há um jogo rasteiro para favorecer Doria. “Como está desigual, não é? Está clara a associação deles os dois. Aí, ficam dois contra um. Tem dois candidatos unidos e estão entre eles arranjados, isso está muito

claro. Agora se tornou evidente o que já se percebia pelas manifestações públicas, pelos debates. Enfim, uma associação entre duas candidaturas, uma servindo a outra”, rebateu.

Ofensiva

Leite também partiu para a ofensiva contra Doria, atribuindo a ele uma suposta corrupção do processo eleitoral interno.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



É bom ficar de olho nas eleições chilenas

Os paradigmas da esquerda latino-americana são a Comuna de Paris (1871), a Revolução Russa (1917), a Revolução Chinesa (1949), a Revolução Cubana (1959) e a Guerra do Vietnã (1955 a 1975). A Revolução Inglesa (1640-1688), a Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1779-1789), revoluções burguesas que deram origem à democracia representativa, não são referências para seus objetivos. A esquerda também não analisou os contragolpes que puseram um ponto final nas revoluções. Isso exigirá um mergulho nos próprios erros. É mais fácil denunciar os golpistas, com a narrativa do tipo “não existe derrota quando se vai à luta”.

Na América do Sul, no cenário de guerra fria, o golpe militar que destituiu o presidente João Goulart, em 1964, foi o ponto de viragem da geopolítica continental, porém o caso mais paradigmático foi o brutal golpe no Chile, do general Augusto Pinochet, em 1973, no qual o presidente socialista Salvador Allende se matou, em meio ao bombardeio do Palácio La Moneda pelos militares golpistas. No rumo de um inédito “socialismo democrático”, Allende atraía as atenções mundiais.

O golpe no Chile levou o líder comunista italiano Enrico Berlinguer a rever toda a estratégia do Partido Comunista Italiano, propondo um “compromisso histórico” com a democracia-cristã, tendo a “democracia como valor universal”. Em 1978, um acordo negociado por Berlinguer com o ex-primeiro-ministro e presidente da Democracia Cristã, Aldo Moro, poria fim à grave crise governamental. Entretanto, enfrentava oposição do Vaticano, da Máfia, dos Estados Unidos, da OTAN, da União Soviética e dos extremistas de direita e de esquerda.

Cinco dias após a conclusão do acordo, no dia 16 de março, quando se dirigia à solenidade de posse do novo governo confiado ao democrata-cristão Giulio Andreotti, que se opusera à aliança com os comunistas, Moro foi sequestrado em Roma, numa ação que resultou na morte de cinco homens de sua escolta. O grupo terrorista Brigadas Vermelhas assumiu o sequestro e executou Moro, no dia 7 de maio.

Radicalização

A chamada Concertación (Coalizão de Partidos pela Democracia), que governou o Chile por quatro governos, aprendeu com a queda de Allende e se inspiro no “compromisso histórico”. Foi uma aliança entre o “humanismo cristão” e o “humanismo laico”, que possibilitou programas de governo exequíveis em termos econômicos e sociais, embora a chamada “agenda identitária” fosse o pomo da discórdia entre o Partido Socialista de Chile (PS), o Partido Democrata Cristiano de Chile (DC), o Partido por la Democracia (PPD), o Partido Radical Social-Democrata (PRSD) e agremiações menores.

Os democratas cristãos Patricio Aylwin (1990-1994) e Eduardo Frei (1994-2000), o liberal Ricardo Lagos (2000-2006) e a socialista Michele Bachelet (2006-2010) se revezaram na Presidência. Depois de 2010, se formou uma nova coalizão, a Nueva Mayoría, que incluiu partidos da esquerda, como o Partido Comunista de Chile, a Izquierda Ciudadana e o Movimiento Amplio Social, além dos partidos de centro-esquerda que foram parte da Concertación. Os liberais foram excluídos. A coalizão governou o Chile entre os anos 2014 e 2018.

Derrotada por Sebastián Piñera, pela segunda vez (a outra foi em 2010), essa aliança foi considerada esgotada. Entretanto, o programa liberal do novo governo não deu as respostas que a sociedade aguardava. Um processo de impeachment e o forte movimento de oposição obrigaram Piñera a convocar uma Constituinte, na qual a esquerda vem tendo protagonismo. No domingo, esse protagonismo se consolidou, sob a liderança do ex-dirigente estudantil e deputado Gabriel Boric, candidato da Frente Ampla de Esquerda e do Partido Comunista, em confronto com o ultradireitista José Antônio Kast, do Partido Republicano (pinochetista).

Houve um colapso do centro político. Um terceiro candidato, Franco Parisi, fez campanha do Alabama, nos Estados Unidos. Sem pôr os pés em Santiago, deslocou do segundo lugar Sebastián Sichel, o candidato do presidente Piñera, e Yasna Provoste, da ex-Concertación. Os ex-presidentes Ricardo Lagos, Eduardo Frei e Michelle Bachelet também foram derrotados. No segundo turno, o Chile oscila entre um projeto parecido com o de Allende e um presidente saudosista do general Pinochet, alinhado com o presidente Jair Bolsonaro.

O PRESIDENTE PIÑERA E EX-PRESIDENTES LAGOS, FREI E BACHELET FORAM DERROTADOS. O CHILE OSCILA ENTRE UM GOVERNO PARECIDO COM O DE ALLENDE OU SAUDOSISTA DE PINOCHET